

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano IV | Volume 11 | Nº 32 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6889292>



A DUALIDADE DO DISCURSO: MATEMÁTICA E GÊNERO NA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA

Eliézer Reis Vicente*

Resumo

Este trabalho apresenta uma análise bibliográfica numa perspectiva foucaultiana com o objetivo de discutir a produção de relações de gênero e poder a partir do enunciado *homem é melhor em Matemática (do que mulher)*. É possível encontrar inúmeros discursos científicos ou não, que contribuem para que tal concepção persista como verdade atravessando uma história de luta. Na história, os papéis femininos e masculinos extrapolam a relação genética e reprodutiva e foram demarcadas diferenças substanciais em uma relação de poder. Diante da invisibilidade feminina, buscou-se por meio de uma análise histórica evidenciar a contribuição das mulheres na Matemática. Como resultados, percebeu-se que a dicotomia masculino/feminino com relação à Matemática não é natural, ela é construída e imposta como verdade na sociedade, e possui muitos desdobramentos. Esse enunciado provoca discursos que instauram como espaço de diferenciação as relações entre mulheres, homens e matemática, e, nessas relações, a mulher é produzida como alguém a quem falta algo ao modo masculino.

Palavras chave: Discurso; Gênero; Matemática; Poder.

Abstract

This paper presents a literature analysis from a Foucauldian perspective with the objective of discussing the production of gender and power relations based on the statement that *men are better at mathematics (than women)*. It is possible to find countless scientific and non-scientific discourses that contribute to the persistence of this conception as truth through a history of struggle. In history, the feminine and masculine roles go beyond the genetic and reproductive relationship and substantial differences were demarcated in a power relationship. In view of the invisibility of women, we sought, by means of a historical analysis, to show the contribution of women in mathematics. As a result, it was noticed that the masculine/feminine dichotomy regarding Mathematics is not natural, it is constructed and imposed as a truth in society, and has many unfoldings. This statement provokes discourses that establish as a space of differentiation the relations between women, men and mathematics, and, in these relations, the woman is produced as someone who lacks something in the masculine way.

Keywords: Discourse; Gender; Mathematics; Power.

INTRODUÇÃO

O presente texto será permeado pela inspiração foucaultiana, desde seus estágios embrionários, pois assim como Foucault na escolha da temática, o processo de escrita está direcionado para grandes questões, inquietações, enigmas, tabus e angústias que se constituem como elementos que suscitam grandes discussões.

A proposta será embasada pelos postulados de Michael Foucault, especialmente, os conceitos de discurso e poder, pois entende-se a pesquisa por Foucault como dedicada a delinear verdades

* Mestrando em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). E-mail para contato: eliezervicente@gmail.com



estabelecidas e produzidas por relações de poder/saber, com o objetivo de oferecer outros discursos, outras formas de ver e de ser, oportunizando as pessoas de mudarem a si mesmas e seus saberes nas redes de poder¹.

Existe uma vertente social que estabelece os homens sendo naturalmente melhores em Matemática do que as mulheres, muitas vezes, por marcas implícitas dessa concepção, o que as tornam quase invisíveis, porém, essa vertente existe e ainda é muito disseminada. Interessa-nos investigar o que faz com que esse discurso persista. De fato, não há como negar que é um discurso permeado e solidificado ao longo da história. A Matemática tornou-se ideário coletivo de superioridade masculina. Inevitavelmente, quando um discurso é compreendido e cristalizado acerca de um fenômeno social na mente das pessoas, em um mesmo espaço cultural, essa compreensão se torna uma verdade.

Na perspectiva foucaultiana, o discurso concebido como verdadeiro é portador de poder, uma vez que a verdade não surge fora ou sem o poder, ela é produzida socialmente pelas múltiplas coerções que produzem na sociedade efeitos regulamentados de poder. Nas palavras do próprio Foucault (2020, p. 12), “cada sociedade tem seu regime de verdade, sua própria [política geral] de verdade”, isto é, “os tipos de discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros”(FOUCAULT, 2020, p. 12), assim como “os mecanismos e instâncias que permitem distinguir uns e outros, as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade, o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (FOUCAULT, 2020, p. 12).

Ao analisarmos as questões de gênero e matemática, a primeira questão colocada é sobre o reforço da suposta superioridade masculina. Este artigo tem como objetivo discutir as relações de gêneros a partir do enunciado: *homem é melhor em matemática (do que mulher)*. Até que ponto esse discurso, ainda vivo, se traduz como sendo verdade, se manifesta como instrumento ideológico de superioridade masculina? O que essa verdade tem produzido?

O CAMINHO DESTE ESTUDO

A escrita deste artigo permeia todos os estágios embrionários em uma perspectiva foucaultiana, a metodologia escolhida como base desse estudo também é. Foucault (2020) reconhece que é difícil explicar sua metodologia de pesquisa, tendo em vista que cada um de seus livros representam maneiras específicas “de desentranhar um objeto e de construir um método de análise orientado para esse fim” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Quem estuda Foucault, assume outro entendimento de regularidade, ele

¹ Foucault rompe com as concepções clássicas deste termo e define o poder como uma rede de relações onde todos os indivíduos estão envolvidos, como geradores ou receptores, dando vida e movimento a essas relações. Para ele, o poder não pode ser localizado e observado numa instituição determinada ou no Estado (BRÍGIDO, 2013, p. 59).



extrai a regularidade da dispersão, aponta regularidades naquilo que muitos acreditam e dizem, naquilo que é repetido sem muitos questionamentos, assim como extrai dos enunciados as marcas conceituais de verdade impostas pela sociedade.

Foucault dedicava-se à história arqueológica das ciências para analisar discursos, análise essa que tenta revelar “as práticas discursivas na medida em que dão lugar a um saber, e em que esse saber assume o status e o papel na ciência” (FOUCAULT, 2020, p. 216). Para o autor, a arqueologia aponta para discursos em que os objetos são aqueles que interessam ao problema em questão.

Foucault (2020) defende que um *corpus* não precisa ser definido por meio de critérios rígidos. Assim, a partir dessa perspectiva, esse artigo não utilizará de um *corpus* definido, mas sim, de elementos variados num percurso histórico, refletindo sobre o enunciado *homem é melhor em Matemática (do que mulher)*. De maneira geral, a análise mostra um conjunto de relações entre os discursos e as diferentes formações discursivas, definidas por Foucault (2020) como um “conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma época dada e para uma área social, econômica e geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2020, p. 136). Assim, o discurso refere-se um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva.

RELAÇÕES ENTRE AS MULHERES E A MATEMÁTICA

Fazendo uma análise histórica da humanidade, apresenta-se o gênero e a Matemática como categorias analíticas, percebe-se como é visível e necessário problematizar o afastamento das mulheres na academia. A intenção é fazer uma análise histórica das mulheres, o lugar em que elas foram colocadas, refletindo sobre as desigualdades que foram construídas ao longo da história até a percepção das suas lutas para recolocação e visibilidade de sua condição de igualdade.

Ao analisar o desenvolvimento da Matemática, nota-se uma enorme lacuna no que tange às contribuições das mulheres para essa área do conhecimento. Estudos contemporâneos apontam que não se trata da inexistência de contribuições, mas sim, de um silenciamento proposital fundamentado nas relações de poder estabelecidos pela sociedade. A compreensão dessa construção histórica das relações de poder por homens e mulheres permite, em parte, identificar as origens das desigualdades hierárquicas, que foram embasando os papéis socialmente aceitos para homens e para as mulheres e que persistem, mesmo de que forma silenciadas, até a contemporaneidade.



Sobre a historicidade das mulheres

Em princípio, as tribos nômades sobreviviam do que a natureza lhes fornecia. Muraro (2014) pontua que não havia diferenciação entre homem e mulher, e ainda, o fato das mulheres serem capazes de reproduzir, eram tidas como sagradas; não se tinha conhecimento da importância do homem para a reprodução. De acordo com Muraro:

É no decorrer do neolítico que, em algum momento, o homem começa a dominar a sua função biológica reprodutora, e, podendo controlá-la, pode também controlar a sexualidade feminina. Então surge o casamento, tal como o conhecemos hoje, no qual a mulher é propriedade do homem e a herança se transmite através da descendência masculina (MURARO, 2014, p. 179).

Após tomar conhecimento disso, a reprodução passa a estar ligada à herança e à transmissão de bens, fazendo com que a feminilidade fosse restringida. Para Muraro (2014), é aí que surgem os valores masculinos “já não são mais os princípios feminino e masculino que governam juntos, mas, sim, a lei do mais forte” (MURARO, 2014, p. 7).

Em momentos posteriores temos as religiões como indicadores de cultura e hábitos sociais. Segundo a tradição cristã, na própria criação da humanidade, Deus cria o homem e tira dele a mulher. Aqui, o homem seria o primeiro gerador da vida - sem contar a desgraça da oralidade que recai inteiramente sobre Eva, que comeu o fruto da árvore proibida. Enquanto o livro sagrado dos cristãos era escrito, o patriarcado já ganhava forma, principalmente devido à submissão das mulheres em relação aos homens. Com a consolidação do cristianismo como religião oficial do Império Romano, dá-se início à Idade Média, época em que os valores e princípios eram ensinados pela Igreja com o intuito de formar a mulher ideal. Neste mesmo período notam-se mulheres sendo líderes, mas era apenas na ausência dos homens, na verdade, elas não detinham poder, apenas faziam uso do poder dos homens.

Esse processo histórico de desvalorização dos saberes femininos acabou evidenciando ainda mais as relações hierárquicas e o desejo de controlar as mulheres. Segundo Melo (2017):

É assim alcançado, através desse atentado feroz ao feminino, o real objetivo da caça às bruxas: reprimir e colocar sobre rédeas curtas a relação da mulher com o saber, permitindo a ela apenas o âmbito doméstico e o saber necessário para cuidar da casa, criar os filhos e servir o marido. E essa formação seguiu por séculos, passando pelo Iluminismo, onde as mulheres já demandavam participar da fomentação intelectual que ocorria, até chegarmos no período da Revolução Francesa (MELO, 2017, p. 193).

A partir da Revolução Francesa a sociedade começa a perceber que as mulheres se sentem conscientes da sua força e começar a reivindicar, não somente os seus direitos de aprender, mas como também, de existir e controlar as suas vontades e lutar pelos seus ideais. E, mesmo assim, toda educação



delas deveria ser feita em relação aos homens, era um ensino diferente. A grande questão na época era como educar conforme as exigências do mundo moderno, sem deixar o lado subversivo dessa modernidade corromper a moral feminina.

Frente a todas tentativas masculinas de subalternização das mulheres, é possível identificar várias lutas femininas por espaços e visibilidade. Segundo Tossi (1998),

Nesse mundo em constante transformação a alfabetização das mulheres experimenta, entretanto, um progresso irreversível. O direito à educação tinha se tornado a reivindicação primordial para as mulheres a partir da polêmica iniciada por Christine de Pizan no começo do século XV na França, conhecida como *Querelle des Femmes* (Quarela das Mulheres) (TOSSI 1998, p. 376).

Surgia o primeiro movimento de mulheres. A partir da Querela das Mulheres, a luta feminina abriu caminhos para tentativas de retirar dos homens o poder de decisão sobre elas. De acordo com Kelly conforme citado por Yanoulas (2000),

A Querela das Mulheres foi o primeiro debate documentado entre homens e mulheres acerca da natureza e do valor das mulheres na sociedade, iniciada na França a Querela logo se ampliou por toda Europa... Participaram da Querela eruditos e eruditas das cortes, universidades, salões e círculos científicos, durante quase 300 anos (...). A importância desse debate para a história da relação entre os gêneros é de tal magnitude que algumas historiadoras datam o início do feminismo por esta “Querela” (YANOULAS, 2000, p. 435).

O termo feminismo² surgiria anos após o acontecimento da Querela, porém, por ter sido o primeiro movimento de mulheres registrado, se tornou um marco da luta das mulheres na história. A reivindicação de liberdade, em diversos sentidos, não atingiu com intensidade o papel das mulheres na sociedade. Foram necessários muitos séculos até que as mulheres conseguissem romper com as hierarquias patriarcais. Ainda assim, esse movimento possibilitou a abertura para discussões públicas que evidenciavam a condição inferior das mulheres em relação aos homens.

Contribuições femininas na Matemática

A Matemática, umas das mais antigas ciências e tida como mãe das outras, é, para muitos, um campo de atuação majoritariamente masculino, considerando principalmente a escassez de pensadoras do saber matemático nas pesquisas.

Para comprovar essa realidade, basta procurarmos livros didáticos de Matemática de qualquer série da Educação Básica, ou perguntarmos a um aluno de Ensino Médio, pelo menos um nome de uma

² Em linhas gerais, a categoria “feminismo” refere-se a uma doutrina ou movimento social cujos adeptos ou ‘atores’ são geralmente mulheres e cuja característica é definida pelas ideias de liberdade e igualdade e, conseqüentemente, pela crítica às formas hierarquizadas de relacionamento social.



grande matemática. Pode-se olhar para dentro dos institutos de pesquisa, como por exemplo, no Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), observa-se que em meio ao seu quadro de pesquisadores, o número de mulheres é mínimo. As mulheres estão ainda invisibilizadas do processo dos saberes matemáticos.

Nos últimos anos, principalmente por meio da mídia, percebem-se as contribuições femininas serem divulgadas em várias áreas dos saber e, como exemplo, tem-se uma produção cinematográfica de Hollywood que deu visibilidade às mulheres matemáticas negras que trabalhavam como “computadoras” para a NASA (SHETTERLY, 1969). A narrativa mostra que o sonho americano de enviar o primeiro homem ao espaço foi possível graças a elas. Tal visibilidade reforça ainda mais a importância de retomar esse debate: o espaço das mulheres nas ciências exatas.

A partir dessas reflexões históricas, é possível notar que foram necessários muitos esforços e renúncias por parte das mulheres que estavam dispostas a assumir suas vontades pelo saber, principalmente nas ciências. Reafirmamos que essa realidade está relacionada com os discursos que elegeram as mulheres ao papel de subalternidade. Nesse sentido, Melo (2017) afirma que:

Em meio às milhares que foram proibidas, torturadas e até mortas, por envolverem-se com o conhecimento, agindo, assim, de maneira contrária ao que se esperava do sexo feminino, a história registra nomes de mulheres que bravamente se opuseram ao sistema opressor e conseguiram galgar caminhos difíceis de percorrer, ou ainda, nunca antes percorridos (MELO 2017, p. 194).

Isso demonstra que não se trata da inexistência das mulheres nesses espaços, mas, sim, da invisibilidade promovida pelo contexto social de inferiorização das mulheres. Sabe-se que há registros de nomes femininos na Matemática, embora invisibilizados, e abaixo estão postos alguns nomes de mulheres que desenvolveram conhecimentos importantes no que tange a Matemática e as ciências exatas em geral. Hipátia de Alexandria (370 – 415), reconhecida como a primeira mulher a ter significância no campo da Matemática. Hipátia, nascida em Alexandria era filha de um matemático, filósofo e astrônomo, Teon (335-405). A maior parte da obra de Hipátia foi perdida, mas no século XV, foi encontrado na biblioteca do Vaticano um dos comentários mais importantes sobre a obra de um matemático deixado por ela. Ela foi barbaramente assassinada por um grupo de fiéis da Igreja Católica quando voltava para casa. Hipátia representa um exemplo das várias matemáticas esquecidas ao longo da história sem conhecimento e credibilidade em seus trabalhos apenas por serem mulheres. Madame Du Châtelet (1706 - 1749): outra mulher da qual se possui registros. Ela viveu no século XVII, nasceu em Versailles, na França. Segundo Melo (2017), “junto com Voltaire desenvolveu os *Eléments de la philosophie* de Newton. Estudou Leibniz e Gravesande, e deu sua contribuição nos tratados sobre energia de um objeto em movimento” (MELO, 2017, p. 196)”. Seus trabalhos trouxeram grandes



contribuições para o meio científico. Maria Gaetana Agnesi (1718 – 1799), nascida em Milão, foi à primeira mulher a ser chamada de matemática no Ocidente sem, no entanto, ter tido a oportunidade de ser professora justamente por ser mulher, se afastando da vida pública e se dedicando à vida religiosa em 1752. Marie Sophie Germain (1776 – 1831) nasceu em Paris. Por causa da Revolução Francesa, mantinha-se isolada, passava os dias lendo livros de matemática. Ela segue seu interesse pelos estudos seus pais cortaram a luz do quarto com o intuito de impedi-la de estudar, mas ela se debruçava escondida nos livros à luz de velas; fato que não atrapalhou sua genialidade. Suas maiores contribuições foram em Teoria dos Números, em que faz uma importante descoberta sobre o último teorema de Fermat. Sofia Kovalevskaya (1850 – 1891), nascida na Rússia, e para estudar foi obrigada a deixar seu país de origem, pois as universidades russas não admitiam mulheres. Ela estudou análises e demonstrou as condições necessárias e suficientes para a solução de Equações Diferenciais Parciais. Devido a esse trabalho, Sophie recebeu o título de Doutora pela Universidade de Gottingen. Amalie Emmy Noether (1882 – 1935), nascida na cidade de Erlanger na Alemanha, tinha autorização apenas para assistir, como ouvinte, os cursos oferecidos pela Universidade de Erlangen. Em 1907, Emmy conseguiu o título de doutora sob orientação de Ernest Fischer e Erhard Schmidt, defendendo a tese sobre Completos de Invariantes para Formas Biquadradas Ternárias em Álgebra. Maria Laura Mouzinho (1917 – 2013), brasileira em destaque de exemplos de contribuições femininas para o campo da Matemática. Foi a primeira mulher a receber o título de doutora em Matemática no Brasil. Foram muitas conquistas e contribuições. Em 1996, Maria Laura foi condecorada com título de professora Emérita da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atuava avidamente na Educação Matemática e, em particular, na formação continuada de professores. Tem vários livros publicados tornou-se referência pelo mundo no quesito educação matemática.

Em termos históricos, as mulheres nunca foram muito afortunadas. Defende Souza (2006, p. 1), “durante séculos as mulheres foram desencorajadas, discriminadas e até proibidas de estudar”. Os poucos exemplos expostos nos permitem resgatar a dimensão das contribuições femininas, os mesmos evidenciam as condições sociais históricas às quais estiveram sujeitas e das quais precisaram lutar para superar.

É evidente que as lutas dos movimentos feministas contribuíram para desconstruir um discurso naturalizado. No entanto, Carvalho (2004) nos diz que:

Se é inegável que as conquistas sociais e políticas obtidas pelo movimento feminista no século XX são imensas (incluindo direitos civis para as mulheres - à educação, ao voto, ao trabalho, à reprodução voluntária - e maior liberdade nos costumes, da vestimenta ao prazer sexual), é igualmente evidente que a dominação masculina não desapareceu, persistindo em todos os campos da vida social. (CARVALHO, 2004. p.10)



A persistência dos enunciados/discursos masculinizantes

Buscamos o conceito de enunciado para operar esse discurso, entende-se a partir da compreensão que o enunciado como uma função que se encontra na transversalidade das coisas ditas por Foucault. Buscou-se capturar os enunciados que atravessam as enunciações socialmente arraigadas. Para Foucault (2020), definir enunciados não é fiar-se à estrutura da frase ou às enunciações e que não se constituem de coisas ou fatos, mas "forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações" (FOUCAULT, 2020, p. 103). Os enunciados devem ter uma existência material que não é o ato da enunciação, mas "é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter um suporte, um lugar e uma data" (FOUCAULT, 2020, p. 114). Nessas condições de aparecimento do enunciado, descrevemos, neste artigo, o enunciado *homem é melhor em Matemática (do que mulher)*.

Se as concepções que apontam se o *homem é melhor em Matemática (do que a mulher)* ainda persistem é porque existem discursos sociais que buscam mantê-lo. Esses discursos reverberam e repercutem dentro da própria ciência, nas suas produções, até mesmo nas salas de aula de forma inconsciente ou sem más intenções. Os hábitos e discursos são sempre produtores de identidades de gênero, de poder, de saber.

Esse enunciado é identificado no campo da racionalidade cartesiana. Essa racionalidade constitui-se nos modos válidos de se fazer matemática que engendram produções discursivas para sua valorização de verdade, certeza e rigor. Ao apoiar-se na racionalidade cartesiana, esse enunciado produz um tipo de masculinidade na qual o valor do homem racional faz reafirmar seus modos e exclui-se a sensibilidade. Nesse sentido, Walkerdine (1998) afirma:

Então, razão, como a matemática, torna-se uma fantasia de masculinidade na qual masculinidade tem que ser constantemente provada, excluindo dela as mulheres. A prova da superioridade masculina e a falha feminina tem constantemente sido refeita e desesperadamente reafirmada. (WALKERDINE, 1998, p. 200).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dicotomia masculino/feminino com relação à Matemática não é natural, ela é uma construção social imposta como verdade na sociedade e possui muitos desdobramentos. Ao analisarmos a história e as mulheres que contribuíram para essa ciência, podemos observar que todas fizeram parte desse discurso de invisibilidade. A maioria delas que segue carreira na ciência enfrentam obstáculos por discursos outros e pelos modos de subjetivação. Também é importante apontar que os discursos



regulam, governam e produzem rupturas e deslocamentos na vida e nas decisões das mulheres. As relações desiguais de gênero se fazem presentes na Matemática e se engendram construindo uma matemática do feminino e outra do masculino.

Ao trazer o enunciado *homem é melhor em matemática (do que mulher)* para reflexão, deseja-se sinalizar as inquietudes que ele suscita ao produzir como uma verdade acaba colocando homens e mulheres de forma diferenciada no discurso matemático. Nesse discurso, surge o homem racional (que sabe se controlar), e, por sua vez, a mulher, que dada à emoção, (necessita do controle do outro). Esse discurso da superioridade matemática masculina que produz a racionalidade como algo masculino e a irracionalidade, do feminino que se multiplica na sociedade.

Acreditamos que essa pesquisa, além de promover a reflexão e o debate acerca do protagonismo feminino no campo científico da Matemática e analisar o discurso do grupo que a representa, poderá ainda abrir caminhos para futuras averiguações sobre as relações de gênero, discurso e poder não apenas na Matemática, mas também em outras áreas das Ciências Exatas.

REFERÊNCIAS

BRÍGIDO, E. I. “Michel Foucault: Uma Análise do Poder”. **Revista de Direito Econômico e Socioambiental**, vol. 4, n. 1, 2013.

CARVALHO, M. P. “Pierre Bourdieu sobre Gênero e Educação”. **Revista Ártemis**, vol. 1, dezembro, 2004.

FOUCAULT, M. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2020.

FOUCAULT, M. **El yo minimalista y otras conversaciones**. Buenos Aires: Biblioteca de la Mirada, 1996.

MELO, C. I. B. D. “Relações de gênero na matemática: O processo de afastamento das mulheres e algumas bravas transgressoras”. **Revista Ártemis**, vol. 24, n. 1, 2017.

MURARO, R. M. “Breve introdução histórica”. In: KRAMER, H.; SPRENGER, J. (orgs.). **O Martelo das Feiticeiras**. Rio de Janeiro: Record, 2017.

SHETTERLY, M. L. **Estrelas além do tempo**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2017.

SOUZA, K. C. S. S. **As mulheres na matemática** (Trabalho de Conclusão de Curso em Matemática). Brasília: UCB, 2006.

TOSSI, L. “Mulher e Ciência, A revolução científica, a caça às bruxas e a ciência moderna”. **Cadernos Pagu**, n. 10, 1998.



WALKERDINE, V. **Couting Girls Out: Girl and Mathematics**. London: Virago, 1998.

YANNOULAS, S. C. “Feminismo e academia”. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, vol. 81, n. 199, 2000.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano IV | Volume 11 | Nº 32 | Boa Vista | 2022

<http://www.ioles.com.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima